

POEMA

Miguel T

O Ti

Em nome
Eu tenho
Nesse m
Acredite
O que se
Num dia
Chegou p
Magro q
Mas ben
Bradand
Com o p
Fazendo
Gritava r
Falava d
E dizia t
Das últim
Que and
Aquela c
Era uma
Ele come
Daquela
Pergunto
Que pela
Ele tirava
Eu como
Nunca te
Ainda qu
Eu dei ur
Com os d
Falei, mo
Eu não s
Mas nun
Faça o se
E se o se
A faça lh
Mas se o
Provar qu
O meu di

O Tirador de Retratos

*Em nome do tal progresso
Eu tenho visto tanto sucesso
Nesse mundo velho sem porteira
Acredite que é verdade
O que se passou em minha cidade
Num dia de segunda-feira.
Chegou por lá um sujeito
Magro que só um anzol
Mas bem vestido, elegante
Bradando num alto-falante
Com o povo todo ao redor.
Fazendo anúncio
Gritava no meio da feira
Falava de modernidade
E dizia trazer a novidade
Das últimas a derradeira
Que andava agora no sertão:
Aquela caixa preta na mão
Era uma máquina retrateira.
Ele começou a falar
Daquela invenção do tinoso
Perguntou quem tava pronto
Que pela quantia de dez contos
Ele tirava o retrato do povo.
Eu como sou um cabra valente
Nunca temi assombração
Ainda que meio descrente
Eu dei um passo à frente
Com os dez contos na mão.
Falei, moço!
Eu não sou homem de dinheiro
Mas nunca vivi no pertucho
Faça o seu serviço primeiro
E se o senhor for caloteiro
A faca lhe corre no bucho
Mas se o senhor disse a verdade
Provar que é um homem direito
O meu dinheiro tá aqui*

*Mas ele só vai parar aí
Depois de ver o serviço feito.
Mandou-me vesti um paletó
Disse pra eu ficar parado
Acendeu a luz dum fifó
Que meus zoio ficou esbrugaiado
Depois me mandou levantar
Que o retrato tava tirado.
Uma meia hora depois
Ele me chamou num canto
E me entregou um quadro
Parecendo imagem dum santo
Quando reparei bem
Era a minha cópia fiel
Êta sujeito inteligente
Fez uma máquina de prender gente
Num pedaço de papel.
Levei o quadro pra casa
E pendurei la na sala
Bem no cantinho da parede
Tá lá pra ver quem quiser
De um lado tá São José
Do outro o gancho da rede
E nas horas do descanso
Deito nela e me balanço
E remoendo calado
Eu fico prestando atenção
Com o diabo de tanta invenção
É que o mundo anda mudado.*

* Miguel Teles é baiano de Pedrão, pequena cidade situada entre o recôncavo e o sertão. Poeta, fotógrafo e documentarista, que elegeu o homem e a cultura sertaneja, como seus temas preferenciais. Já realizou documentário "Um dia de Vaqueiro", curta-metragem de cinco minutos. Prepara para breve publicação o livro de poemas "Matulão da Seudade".